

## Introdução

Christiane Maria Cruz de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUZA, CMC. Introdução. In: *A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, pp. 17-35. História e saúde collection. ISBN: 978-85-7541-538-2. Available from: doi: [10.747/9788575415382](https://doi.org/10.747/9788575415382). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/fv3c6/epub/souza-9788575415382.epub>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Introdução

*A Bahia teve, naturalmente, de pagar o seu tributo à tremenda pandemia da gripe, que por toda a parte manifestou intensidade e expansibilidade nunca vistas.*

*A moléstia, que, não sei com que razão, foi vulgarmente apelidada “influenza hespanhola”, causou, no seu acometimento mundial, a morte de um número tão elevado de pessoas como jamais fora registrado em todas as anteriores pandemias, não só da mesma natureza, senão também dos morbos mais temíveis pela sua gravidade, tais como a cólera morbus, a peste bubônica, etc, [...] – metade, ou mais, da população na maior parte das localidades assaltadas, que, embora fosse pequena a letalidade, isto é, a percentagem dos casos de terminação funesta, foi assaz considerável o número absoluto destes. (MONIZ DE ARAGÃO, 1919, p. 51)*

A presente narrativa versa sobre a epidemia de gripe espanhola que irrompeu em Salvador, em meados de setembro de 1918, e dali, seguindo os caminhos dos trens, dos rios e do mar, avançou pelo interior do estado, em percurso que durou até os primeiros meses de 1919. Escolhemos tal objeto de estudo no intuito de deslindar a trama do tecido histórico que constituía a sociedade baiana nos primeiros decênios do século XX.

Ao pensarmos na Bahia da Republica Velha sob o impacto de tal epidemia, diversas questões afloraram à nossa mente: Em que contexto a doença se inseriu? De que maneira a gripe espanhola chegou até a Bahia, e como se infiltrou na vida do povo baiano? Como a invasão e os efeitos do flagelo foram explicados pelos médicos, políticos, religiosos e pelas pessoas comuns? Como aquela sociedade reagiu à doença? Quais as medidas adotadas para conter a epidemia? Que atos das autoridades e da população, que valores ou concepções socioculturais mostraram-se marcantes durante o surto epidêmico? Essas e outras questões nos acompanharam durante a investigação, conduzida no sentido de analisar os diversos aspectos de uma sociedade complexa e desigual, revelados a partir do impacto da epidemia.

Todavia, antes de discorrermos sobre o nosso trabalho, consideramos importante definir *epidemia*, visto que nas sociedades contemporâneas o termo é freqüentemente utilizado de forma metafórica, para conferir a certos fenômenos um caráter indesejável e de urgência, ou para designar o uso generalizado de algum objeto, aspecto, método ou costume (ROSENBERG, 1992; SONTAG, 1989). Na verdade, o uso do termo em tais situações está atrelado a objetivos políticos e de retórica. No âmbito da medicina, o termo define “[...] a manifestação, em uma coletividade ou região, de um grupo de casos de alguma enfermidade que excede claramente a incidência prevista” (BARBOSA, 1993, p. 495). Nessa concepção se enquadra o evento aqui analisado – a gripe, doença sazonal e benigna entre os baianos, vai irromper de forma inusitadamente virulenta em meados de setembro de 1918.

A eleição de um evento epidêmico como objeto de estudo histórico como o que nós nos propusemos se deve, entre outros fatores, ao fato de que dentre as doenças que afligiram as sociedades humanas, foram os flagelos epidêmicos – da peste negra à AIDS – os que adquiriram caráter de maior dramaticidade. Apesar do caráter transitório de uma epidemia – a doença surge subitamente em lugar e tempo específicos, apresenta trajetória temporal e espacial, e some quase tão repentinamente quanto apareceu –, o medo e a ansiedade gerados pela repentina intensificação das experiências de morte determinam a necessidade de entender o fenômeno, e o caráter de espetáculo exige resposta visível e imediata.

Cada sociedade em particular constrói sua resposta a uma epidemia. De formas diversas, em períodos históricos e espaços geográficos específicos, indivíduos e grupos humanos utilizaram-se de signos, práti-

cas e preceitos para racionalizar, administrar e combater as doenças. Dessa maneira, produziram seus próprios modos de definir a etiologia, a transmissão, a terapia apropriada e os significados de uma enfermidade, utilizando-se, para tanto, das ferramentas intelectuais da época.

Assim, a incidência de uma doença em determinado espaço de tempo e específico meio social torna-se, para o historiador, objeto de estudo extremamente fértil, por se constituir numa seção transversal da sociedade e, dessa forma, refletir uma configuração particular dos seus valores sociais, concepções culturais e práticas institucionais. (ROSENBERG, 1992)

Contudo, temas como medicina, saúde e doença permaneceram, por longo período, restritos aos domínios dos médicos; estes, por sua vez, interessados em historicizar o passado de sua profissão, construíram uma narrativa que celebrava a ciência médica, heroicizava o papel do médico e projetava uma visão otimista do progresso científico. Os historiadores profissionais não consideravam tal temática relevante, preferindo dedicar-se a outros objetos – política, guerras e diplomacia, por exemplo, constituíam temas recorrentes.

Progressivamente, esse cenário começou a mudar, e os historiadores voltaram sua atenção também para o estudo dos antigos sistemas de medicina e práticas de cura; a construção do corpo e seus simbolismos; os aspectos sociais e institucionais da medicina e suas relações com valores culturais e realidades socioestruturais. O cotidiano das pessoas comuns tornou-se igualmente objeto da História e da Demografia, que passaram a investigar como se vive e se morre; as representações do corpo, da saúde e da doença; a sexualidade; o nascimento; a infância; etc.

Todavia, ao eleger tal temática, os historiadores propunham novo olhar sobre a medicina, a saúde e a doença, afastando-se das abordagens que apresentavam visão heróica, otimista e linear da medicina e do progresso científico. Na década de 1970, observou-se crescente tendência desse campo da história em destacar a relação entre conhecimento, profissão e poder, inspirada nas análises de Michel Foucault.

A partir das décadas de 1980 e 1990, em meio a um contexto de vitórias e derrotas da medicina,<sup>1</sup> despontaram trabalhos inovadores no campo da historiografia, os quais ressaltaram que as implicações das causas morbígenas sobre a vida ultrapassam o biológico, transformando-se em eventos sociais. Nesta última linha estão os trabalhos de Charles Rosenberg (1992), que elabora o conceito de *framing*, segundo o qual as

doenças não podem ser examinadas fora da estrutura social em que estão inseridas.

Para Rosenberg (1992), a doença constitui um processo biossocial de negociação e consenso e, em sua percepção e definição, interferem variáveis como as teorias médico-científicas, valores culturais e interesses dos atores sociais. O processo de reconhecimento e racionalização de tal fenômeno biológico inclui elementos cognitivos e disciplinares que estruturam o cuidado médico, assim como políticas públicas que regulamentam o comportamento coletivo e individual. Essa definição reflete não só mudança do conhecimento e das tecnologias médicas, mas também influências mais amplas, tais como os valores sociais e as concepções culturais, além de políticas e responsabilidades estatais. Assim, o esforço de cognição do processo saúde-doença sofre influência do contexto em que a enfermidade emerge, mas pode provocar também respostas políticas, científicas, tecnológicas, econômicas e socioculturais que interferem em tal contexto.

Nesta última perspectiva se insere o nosso estudo sobre a gripe espanhola na Bahia. O objetivo deste livro é analisar como a doença se infiltra na vida das pessoas, as reações que provoca, e a maneira pela qual dá expressão a valores sociais, culturais e políticos. Ao estudarmos a epidemia de gripe espanhola, que atingiu Salvador e o interior do Estado da Bahia no período compreendido entre os anos de 1918 e 1919, pretendemos analisar diferentes aspectos de uma sociedade complexa e desigual, revelados sob o impacto da doença: a tessitura das relações sociais e da configuração do poder; o uso político da epidemia e os conflitos gerados pelas facções que disputavam o governo do estado; o conhecimento e a tecnologia médica; o lugar ocupado pelos profissionais da medicina naquela sociedade; bem como a relação entre as condições materiais de sobrevivência da população; o quadro sanitário do estado; as fragilidades e exigências do sistema econômico; e a formação de uma rede de assistência à saúde.

Nosso trabalho pretende contribuir para o preenchimento de uma lacuna historiográfica – são poucos os textos historiográficos publicados sobre doenças epidêmicas na Bahia; dentre estes, grande parte concentra-se no século XIX e tem as epidemias de cólera-morbo e febre amarela por objeto de discussão.<sup>2</sup> Dentre esses trabalhos, destacamos o livro de Onildo Reis David (1996), *O inimigo invisível: epidemia na Bahia do século XIX*, o qual, fundamentado em ampla documentação, reconstitui a epi-

demia de cólera que assolou a Bahia entre 1855 e 1856. David acompanha a insidiosa ação da doença naquela sociedade, apresentando narrativa que entrelaça questões como o impacto socioeconômico e demográfico da epidemia; a insegurança e o medo suscitados pela peste; o confronto entre o discurso médico e a concepção religiosa; o posicionamento das autoridades públicas e sanitárias ante a disseminação do morbo, assim como as respostas das pessoas comuns.

Entretanto, não conhecemos nenhum trabalho historiográfico produzido na Bahia que apresente estudo aprofundado sobre a passagem da gripe espanhola pelo estado. O livro recentemente organizado por Howard Phillips e David Killingray (2003), *The spanish influenza pandemic of 1918-19: new perspectives*, que buscou mapear os trabalhos produzidos acerca da pandemia de gripe espanhola, sob uma perspectiva multidisciplinar, não cita nenhuma publicação sobre o evento na Bahia. Os organizadores tiveram o cuidado de oferecer, ao final do livro, extensa bibliografia,<sup>3</sup> planejada com a finalidade de servir de guia sobre a literatura existente, além de indicarem as áreas onde a pesquisa foi empreendida de forma significativa, e as áreas onde pouco se produziu.<sup>4</sup>

O livro publicado por Phillips e Killingray (2003) resultou de uma conferência realizada em Cape Town, África do Sul, em setembro de 1998, a qual reuniu estudiosos de várias áreas do conhecimento – virologistas, patologistas, epidemiologistas, demografistas, historiadores, antropólogos, geógrafos, etc. – com a finalidade de discutir a pandemia de 1918-1919. Assim, os 16 capítulos que compõem a obra apresentam a experiência da epidemia em diferentes contextos e sob enfoques disciplinares diversos. O livro é organizado em torno de seis temas principais: virologia e perspectivas patológicas<sup>5</sup>; as perspectivas da enfermagem e da medicina contemporânea<sup>6</sup>; as respostas oficiais à pandemia<sup>7</sup>; o impacto demográfico<sup>8</sup>; as conseqüências em longo prazo e recordações<sup>9</sup>; e as lições epidemiológicas que derivaram da pandemia<sup>10</sup>. Segundo os seus organizadores, esse arranjo temático ressalta a carência de uma caracterização mais ampla da pandemia, não apenas em nível nacional e local, mas de forma comparativa e global. Phillips e Killingray (2003) acreditam que sem essa abordagem abrangente o impacto da pandemia pode não ser compreendido adequadamente.

O livro, organizado por Fred R. Van Hartesveldt (1993), *The 1918-1919 pandemic of influenza: the urban impact in the western world*, tem por proposta apresentar uma análise comparativa da pandemia no Mundo

Ocidental. O livro divide-se em três partes: a Parte I diz respeito à Europa; a Parte II, à América do Norte; e a Parte III, à América Latina. Cada parte é composta por capítulos que trazem por título os nomes das cidades selecionadas pelo organizador, perfazendo um total de dez capítulos, incluindo a Introdução, escrita pelo organizador.<sup>11</sup> O cenário urbano foi escolhido por viabilizar maior controle das variáveis, bem como pelo fato de que concentrações de população representam focos naturais de doenças infecciosas. O critério de seleção das cidades obedeceu a uma combinação de considerações geográficas, econômicas e demográficas. Segundo Van Hartesveldt (1993, p. 8-9), tais cidades deveriam apresentar alguma significação dentro dos seus países, mas não era necessário que se incluíssem na condição de capitais.<sup>12</sup> Para o organizador, era mais importante observar as variadas experiências da epidemia, cujas manifestações e resultados foram bem piores em alguns lugares, como Frankfurt e Manchester, e mais moderados em outros, como San Diego e Atlanta. (VAN HARTESVELDT, 1993, p. 9)

Para assegurar uma análise comparativa da pandemia na área geográfica escolhida, os autores incluíram, até onde permitiam os recursos locais, alguns pontos em comum. Assim, foi conferida atenção especial aos dados estatísticos de morbidez e mortalidade, buscando-se estabelecer um padrão por idade. Cada ensaio contém uma descrição da vida naquelas cidades durante o período da pandemia, evidenciando os esforços dos serviços de saúde pública para lidar com os problemas enfrentados, bem como o impacto econômico da doença em cada sociedade.

Assim como no livro mencionado anteriormente, o trabalho organizado por Van Hartesveldt (1993) não se refere ao evento ocorrido na Bahia, elegendo a cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal na época da erupção da epidemia, como objeto de estudo do fenômeno epidêmico no Brasil.

No capítulo escrito pelo historiador Samuel C. Adamo, sobre a passagem da gripe espanhola pelo Rio de Janeiro, achamos importante destacar a análise sobre os efeitos da epidemia na vida social e econômica da cidade, enfatizando as conseqüências nefastas da doença entre negros e mulatos (ADAMO apud VAN HARTESVELDT, 1993, p. 185-200). Adamo mostrou que a taxa de mortalidade era mais severa entre estes grupos étnicos do que entre os brancos, em razão das precárias condições de vida observadas nesta camada da sociedade durante os 30 anos que sucederam à abolição da escravatura – subempregos, baixos salários,

dieta pobre, péssimas condições de moradia (VAN HARTESVELDT, 1993, p. 185-200). Para fundamentar sua argumentação, o autor utilizou como fontes primárias o jornal carioca *Correio da Manhã* – entre setembro e novembro de 1918 –, e os números de 1 a 12 do *Boletim mensal de estatística demográfico-sanitária* da cidade do Rio de Janeiro, publicado pela Diretoria Geral de Saúde, em 1918.

No Brasil, a gripe espanhola vai sendo progressivamente mapeada através de dissertações de mestrado e teses de doutorado que estudam a epidemia em diversas partes do país.<sup>13</sup> Muitos desses trabalhos geraram artigos e livros.<sup>14</sup> Contudo, até o momento, essa literatura tem as cidades das regiões Sul e Sudeste como cenário privilegiado da sua produção.<sup>15</sup> Apenas dois trabalhos estudam essa temática, tendo como recorte geográfico cidades do Nordeste – a minha própria tese, defendida na Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, em 2007, que analisa a epidemia de gripe na Bahia, da qual se origina este livro, e uma dissertação de mestrado em Comunicação, defendida recentemente na Universidade Federal de Pernambuco, cujo foco é o discurso jornalístico construído em torno da epidemia de gripe espanhola que atingiu o Recife.<sup>16</sup>

Ao analisarmos a literatura sobre a gripe, ainda que possamos perceber algumas similitudes na forma pela qual se desenrolam os fatos sob o impacto de uma epidemia, é preciso considerar que a complexidade das negociações acerca da definição e da resposta à doença envolveu ações e atores diversos, em contextos por vezes multidimensionais. Partindo desse pressuposto, acreditamos que o nosso trabalho possa contribuir para ampliar o conhecimento sobre a temática, apresentando um contexto diferente do até então estudado. Para tanto, usamos como campo privilegiado de reflexão a cidade do Salvador, tendo em vista não só a sua condição de capital, mas também o fato de se constituir no pólo político, socioeconômico e cultural do estado e da então região Norte, sem mencionar sua tradição nos estudos da medicina. Todavia, fugindo um pouco dos relatos da experiência da epidemia nos grandes centros urbanos, consideramos também importante analisar a emergência do surto epidêmico no interior do estado e, assim, revelar as múltiplas faces da Bahia.

O recorte temporal refere-se ao período de incidência da doença, que aportou em Salvador na segunda quinzena do mês de setembro de 1918 e se espalhou pelo restante do estado até o ano seguinte. Vale ressaltar que não nos restringimos apenas a esse espaço de tempo. Por vezes nos reportamos ao século anterior ou nos estendemos até 1920, manobra



narrativa necessária para acompanharmos as transformações ocorridas no cenário e na medicina baiana.

Para identificar e localizar a documentação necessária à realização deste livro, percorremos as mais diversas instituições – dos convencionais arquivos e bibliotecas públicas, aos cartórios, editoras de jornais, departamentos de documentação de hospitais privados, entre outros. Dessa maneira, para compormos o quadro da Bahia sob o flagelo da epidemia, utilizamos variado leque de fontes, em grande parte inéditas. Os jornais editados no estado mostraram-se fontes valiosas para o nosso estudo, ao nos desvelar conflitos políticos, questões econômicas, valores sociais e culturais, bem como o cotidiano das cidades onde a epidemia irrompeu. Ademais, durante a passagem da epidemia pela Bahia, a imprensa local apresentou ao seu público leitor um arsenal de informações sobre as condições sanitárias do estado; sobre o número de pessoas infectadas e/ou vítimas da influenza; o discurso médico sobre a etiologia e o diagnóstico da doença; a profilaxia adotada pelas autoridades sanitárias para conter a disseminação da gripe; as práticas de cura da medicina doméstica e as informadas pela religião, etc.

Nesse período, havia grande número de jornais em circulação na Bahia, e raras eram as cidades que não contavam com seus órgãos de imprensa. No entanto, grande parte dos periódicos editados no interior do estado se perdeu no tempo; assim, só tivemos acesso a alguns. Dentre os jornais da capital, escolhemos trabalhar com os representativos das facções reinantes no cenário político baiano daquele decênio, por acreditar que estes nos revelariam as diferentes facetas da realidade estudada.

Além da imprensa leiga, os periódicos médicos, assim como as teses, os artigos, entre outras publicações especializadas, contribuíram para ampliar a nossa compreensão sobre o processo de definição da doença e do aporte científico utilizado para explicá-la. Ao mesmo tempo, essas fontes nos forneceram informações importantes sobre o conhecimento, a tecnologia e a prática médica.

Os boletins sanitários; as cartas e relatórios de médicos, inspetores sanitários, provedores e diretores de hospitais; os registros de entrada e saída de pacientes; os livros de registros de enterramentos contribuíram para ampliar o leque de informações sobre diferentes aspectos: a forma pela qual a medicina acadêmica se inseriu nas discussões sobre a epidemia; as condições sanitárias do estado; as medidas profiláticas e terapêuticas preconizadas pela medicina acadêmica; o número de mortos e de

infectados; bem como a estrutura de saúde disponibilizada para fazer frente à “espanhola”.

As mensagens anualmente enviadas à Assembléia pelos governadores, bem como os discursos e textos publicados por políticos, médicos e engenheiros, contribuíram para ampliar nosso conhecimento acerca das relações de poder e suas implicações no processo de formação de uma rede de assistência pública à saúde. Nesse sentido, foi de fundamental importância estudar a legislação que regulamentou as políticas de saúde pública no Brasil, e a forma pela qual o Estado, valendo-se das prerrogativas federalistas, conduziu a questão na Bahia.

De outro lado, as mensagens e os discursos proferidos pelo governador Moniz de Aragão nos forneceram a versão oficial dos fatos, uma vez que compreendem dados estatísticos da epidemia e de outras doenças que afligiam os soteropolitanos, além de discorrerem sobre as condições sanitárias do estado e os serviços de saúde oferecidos à população.

As informações obtidas na consulta às fontes acima citadas foram confrontadas com as fornecidas por outras fontes, primárias e secundárias. A literatura produzida sobre a Bahia contribuiu para ampliar nossa compreensão dessa sociedade. Da mesma forma, os trabalhos no campo da história da medicina, da saúde e das doenças, juntamente com as narrativas sobre a gripe espanhola no Brasil e no mundo, ajudaram a enriquecer nossa análise sobre a passagem da epidemia pelo Estado da Bahia.

Entre os trabalhos sobre o assunto, publicados no Brasil, o livro de Cláudio Bertolli Filho – *A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade* – publicado em 2003, pela Editora Paz e Terra trouxe boas contribuições para o nosso trabalho.<sup>17</sup> O autor compôs uma análise da organização sanitária e da ciência médica em São Paulo no período de acometimento da *influenza*, construindo a história da cidade sob o ângulo da devastação provocada pela epidemia. Para tanto, o pesquisador traça o perfil patológico da cidade, relacionando-o com o nível da realidade distrital (beneficiamentos públicos e privados e modalidades de habitações), e com o grupo ou grupos sociais predominantes em cada local. Ao estudar a distribuição da doença nos diferentes espaços geoeconômicos e sociais da Paulicéia, Bertolli Filho procura retratar a condição de saúde coletiva, relacionando-a com as condições materiais de existência. Dessa maneira, o autor busca desconstruir o mito da mortalidade democrática, demonstrando que a maior parte dos óbitos por gripe ocorreu entre as camadas mais pobres daquela sociedade.

Nesse sentido, destacamos, também, a abordagem feita por Beatriz Anselmo Olinto (1996) que, tal como Bertolli Filho, apresenta uma geografia social da gripe, ressaltando que os excluídos do processo de modernização da cidade de Rio Grande foram as grandes vítimas da pandemia que se abateu sobre aquela sociedade. Em comum com o trabalho de Olinto (1996) e Bertolli Filho (2003), a tese de Anny Jackeline Torres Silveira (2004)<sup>18</sup> traz uma reflexão sobre a emergência da epidemia de gripe espanhola em uma cidade recém-fundada sob o signo da higiene e da salubridade.

Os autores supracitados, bem como Janete Silveira Abrão (1998), Adriana da Costa Goulart (2003) e Liane Maria Bertucci (2004), discutiram a crise da bacteriologia e a impotência da chamada “medicina científica” frente à disseminação da epidemia, o que, segundo alguns desses autores, fez emergir outras soluções de prevenção e terapêuticas em oposição ao saber científico em crise. Bertucci (2004), inclusive, qualifica a medicina da época como “enferma”. No nosso trabalho, procuramos nos afastar dessa visão por acreditar que os recursos utilizados eram os mais avançados que se dispunha e o saber em circulação e acessado pelos médicos era o produzido nos maiores e melhores centros de pesquisa do mundo. Ademais, concordamos com Nikelen Witter (2001) – a recorrência a outras soluções de prevenção e cura das doenças não representa um fenômeno construído para preencher as lacunas da medicina acadêmica, ou mesmo em oposição a esta, mas se estabelece pelo fato de que essas são práticas da cultura ancestral, muito anterior aos conhecimentos da medicina acadêmica.

Contudo, essa discussão deu lugar a importantes reflexões sobre outros aspectos do evento epidêmico. Beatriz Olinto (1996) penetrou no universo feminino para desvendar as percepções, as práticas de cura e as relações de solidariedade que se estabelecem em razão da disseminação da gripe. Janete Abrão (1998) discutiu o oportunismo e a avidez por lucros demonstrados em determinados setores da sociedade no período de vigência da epidemia, destacando o fato de que a indústria de medicamentos, a de chocolates e a de cigarros fizeram uso da gripe para atrair os consumidores e obter ganhos financeiros.

De outro lado, ao destacar a luta da chamada “medicina científica” para se distinguir e se distanciar dos outros saberes, assegurando a autoridade da ciência médica em questões de higiene e saúde no período de crise desencadeado pela epidemia de influenza, Liane Bertucci (2004)

contribuiu para ampliar a compreensão do processo de especialização do discurso médico sobre a doença.

Contribuição semelhante traz o trabalho de Anny Jackeline Torres Silveira (2004), que discute o posicionamento dos cientistas e dos médicos brasileiros diante dos debates e pesquisas realizadas sobre a gripe. Silveira conferiu destaque especial ao que denominou de “processo de refinamento conceitual da doença”, analisando como o conhecimento sobre a doença se construía e as transformações observadas no discurso médico, no decorrer e após a pandemia.

Adriana Goulart (2003) enfocou o processo de ascensão e queda de atores sociais e políticos, decorrente, segundo a autora, da devastação provocada pela epidemia no Rio de Janeiro e do insucesso das pesquisas no sentido de determinar o agente etiológico da gripe. A autora sugeriu que a ascensão de Carlos Chagas e do grupo de higienistas que lhe era ligado foi uma consequência da falta de respostas, tanto da ciência médica quanto das instituições, aos impactos sociais desencadeados pela epidemia.

O nosso trabalho dialoga também com o realizado por Renata Brauner Ferreira (2001) com relação à ênfase que a autora dá ao uso político da epidemia na cidade de Pelotas. Segundo Ferreira (2001), a emergência da epidemia colocou em cheque a posição de prestígio ocupada por essa cidade no cenário estadual, evidenciando as tensões políticas que agitavam o Rio Grande do Sul, na Primeira República.

Além dos livros, teses e dissertações supracitados, também contribuíram para enriquecer as nossas reflexões, os artigos de Luiz Antônio Teixeira (1993), Nara Azevedo de Brito (1997) e Ricardo Augusto dos Santos (2006) que focalizaram atitudes, sentimentos e representações da população ante a disseminação da epidemia e a ameaça iminente da morte, à luz das obras de Michel Vovelle (1987), Phillippe Ariès (1989) e Jean Delumeau (1989). No texto *O carnaval, a peste e a ‘espanhola’*, Ricardo Augusto dos Santos (2006) destacou as similaridades entre eventos epidêmicos em diferentes contextos históricos e sociais. Apresentando imagens (fotografias, pinturas) e letras de músicas populares, relativas às epidemias de Peste e Gripe Espanhola, Santos discutiu a invariabilidade das manifestações simbólicas coletivas próprias das crises epidêmicas. Sob um enfoque sociocultural, Brito (1997) refletiu a respeito do impacto psicossocial provocado pela epidemia na capital da República. Para reconstituir o cotidiano da cidade, a autora utiliza os jornais em circula-

ção na capital da República à época da epidemia, e analisa as rupturas, as ações, os sentimentos, as representações e os discursos construídos e experimentados coletivamente sob a tensão dos tempos de peste. Teixeira (1993) trabalhou com viés semelhante, ao analisar o sentimento de pânico e o medo ancestral da peste, suscitados pela epidemia de gripe que assolou as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A literatura internacional sobre o tema também contribuiu para fundamentar a nossa análise do assunto. Além dos já citados livros de Fred R. Van Hartesveldt (1993) e Howard Phillips e David Killingray (2003), destacamos a seguir outros autores e os respectivos trabalhos. Alfred Crosby (1989), em *America's forgotten pandemic: the influenza of 1918*, enfatiza os aspectos biológicos e ecológicos da epidemia, associando a propagação, a virulência, as mutações genéticas e a atuação do vírus no organismo humano, tanto às condições físicas individuais, como aos fatores ambientais e socioculturais. Gina Kolata, em seu livro editado no Brasil, em 2002, intitulado *Gripe: a história da pandemia de 1918*,<sup>19</sup> focaliza as incertezas e inseguranças da medicina em relação à doença – causas, terapêutica e prevenção –, e a luta dos cientistas para desvendar o agente etiológico e desenvolver uma profilaxia eficaz. Beatriz Echeverri Dávila (1993), em *La gripe española: la pandemia de 1918-1919*, traça um panorama das epidemias de gripe desde a Antiguidade, enfatizando os aspectos epidemiológicos e demográficos da pandemia de 1918-1919. Em linha semelhante segue Paulo Girão (2003) ao apresentar a análise histórica da “pneumónica” em uma província portuguesa – o Algarve. Em seu estudo, a par do contexto histórico e geográfico que emolduram o evento, Girão evidencia os aspectos demográficos e epidemiológicos. K.D. Patterson e Gerald F. Pyle (1991), no artigo *The geography and mortality of the 1918 influenza pandemic*, efetuam cuidadoso levantamento dos dados estatísticos relativos à incidência da doença em várias partes do mundo. Edwin D. Kilbourne (1987), em *Influenza*, preocupa-se em discutir a etiologia, a patologia, a diagnose, a profilaxia e a terapêutica da doença. William I. B. Beveridge (1977), em *Influenza: the last great plague*, apresenta a cronologia das epidemias de influenza que acometeram a humanidade no decorrer dos séculos, destacando os aspectos relativos à virologia e à epidemiologia. Robert Katz (1974), em *Influenza 1918-1919: a study in mortality*, empresta ênfase à questão demográfica, associando o alto grau de mortalidade a fatores biológicos, geográficos, políticos e socioeconômicos.<sup>20</sup>

Contudo, no referente à literatura produzida internacionalmente, o enfoque escolhido por María Isabel Porras Gallo (1997) para retratar a experiência da gripe espanhola na cidade de Madri é o que mais se aproxima do nosso. Em seu livro *Un reto para la sociedad madrileña: la epidemia de gripe de 1918-19*, a autora oferece um panorama das condições sociais e sanitárias da cidade de Madri por ocasião da irrupção da gripe, e analisa o posicionamento de quatro personagens que emergem da cena de crise engendrada pela epidemia – os políticos, os médicos, os farmacêuticos e a população em geral. Especial destaque mereceu em seu trabalho o papel da imprensa durante a crise epidêmica, como veículo de informação e formador de opinião.

Em sua análise sobre a sociedade madrilenha abatida pelo flagelo da epidemia, Porras Gallo (1997, p. 17) não perde de vista “[...] la interacción entre incidente, percepción, interpretación y respuesta”. Percebe-se aí a influência do modelo narrativo proposto por Rosenberg (1992); o autor, inspirado na obra de Camus (2002) – *A peste* –, considera que as epidemias se desenrolam seguindo o padrão arquetípico das histórias de peste: a epidemia começa como um evento discreto, mas de progressão contínua entre o incidente, a percepção, a interpretação e a resposta.<sup>21</sup>

Na Bahia, a maneira pela qual se desenrolaram os fatos se assemelha à narrativa de Camus (2002) – as autoridades públicas e sanitárias só admitiram a existência da epidemia quando o reconhecimento se tornou inevitável; buscaram, então, construir uma base cognitiva para apreender o evento; o desenrolar da epidemia demandou a realização de rituais de matrizes científicas e religiosas, realizados no intuito de conferir concretude e visibilidade às ações defensivas; a extinção da epidemia deu lugar a uma avaliação retrospectiva do evento, ainda que na Bahia tal reflexão não tenha motivado nenhuma ação concreta no âmbito da medicina e da saúde pública. Mas cientes de que essa dramaturgia, por si só, apenas aponta a estrutura narrativa do evento epidêmico, procuramos evidenciar as singularidades do contexto e a complexidade da sociedade na qual a doença se manifesta.

Nosso trabalho está organizado em seis capítulos. No primeiro capítulo, o foco está na cidade de Salvador, capital do estado, palco de acirradas disputas entre as facções políticas, movimentado pólo comercial e portal de entrada das mais diversas epidemias. Nesse capítulo, voltamos nossa atenção para o que se configurava, aos olhos das elites letradas, como atraso em relação ao mundo civilizado – o analfabetismo, a

pobreza e os péssimos hábitos de higiene de grande parte da população, o aspecto colonial e a insalubridade da capital do estado. Todavia, ao contrapormos o almejado modelo de sociedade com a realidade vivida pelos soteropolitanos, interessou-nos evidenciar a relação entre as condições materiais de vida da população, o quadro sanitário da cidade, o conhecimento médico, e as exigências do sistema econômico, na tentativa de compreender como o Estado, valendo-se das prerrogativas federalistas, conduziu a questão sanitária na Bahia.

Variada gama de fontes primárias nos ajudou a compor o quadro em que a gripe se instala: os discursos dos políticos; os relatórios, pareceres e livros elaborados por médicos e engenheiros; os jornais em circulação na capital do estado; os anuários estatísticos; assim como a legislação que regulamentou as ações no âmbito da saúde. A par dessas fontes, a recente literatura especializada em história da Bahia contribuiu para a composição do cenário em que eclode a epidemia.

No segundo capítulo, analisamos o impacto causado pela erupção da epidemia de gripe espanhola em Salvador, evidenciando o sentimento de familiaridade em relação à doença. Ressaltamos também a idéia de benignidade que impregnava os discursos e orientava as ações – ou a inação – das autoridades políticas e sanitárias, em contraposição ao sentimento de perplexidade da sociedade diante de uma doença que se espalhava com surpreendente rapidez e virulência.

Nesse capítulo, traçamos breve panorama político do estado, analisando a tessitura do poder em uma sociedade complexa e multifacetada. Destacamos o uso político da epidemia e o papel da imprensa leiga não só como veículo de informação e de formação de opiniões, mas como palco das acirradas disputas entre as facções políticas. Para tanto, utilizamos como fonte privilegiada alguns dos jornais em circulação em Salvador, muitos dos quais não escondiam os vínculos com os grupos políticos que se digladiavam pelo poder. Na tentativa de ampliar a nossa visão sobre o assunto discutido nesse capítulo, dialogamos com outras fontes primárias e secundárias.

O terceiro capítulo focaliza o momento em que, sob o impacto da epidemia, as autoridades médicas e sanitárias da Bahia foram desafiadas a entrar em ação. Nesse capítulo, pretendemos evidenciar o modo pelo qual a medicina baiana se inseriu nas discussões sobre a epidemia, analisando o aporte científico utilizado pelos médicos para explicar o fenômeno epidêmico e adotar estratégias de convencimento, no intuito de que

os diversos atores envolvidos incorporassem aquele esforço explicativo como verdadeiro, passando a assumir e administrar as medidas de saúde preconizadas.

As teses de doutoramento defendidas na Faculdade de Medicina da Bahia, os artigos e ensaios publicados nos periódicos médicos, tais como a *Gazeta Medica da Bahia*, o *Brazil-Medico*, o bi-mensário *Saude*, o *Boletim da Academia Nacional de Medicina*, a *Revue D'Hygiène*, assim como as notas veiculadas na imprensa leiga, nos forneceram informações sobre determinado aspecto: o momento em que um conhecimento, até então detentor de pretensa estabilidade, é subitamente abalado, inaugurando-se um período de incertezas, controvérsias, questionamentos, experimentação e negociação, durante o qual se buscou estabelecer a etiologia, a terapêutica e profilaxia acertadas para aquela doença. Tal como nos capítulos anteriores, as informações obtidas no exame dessas fontes foram enriquecidas e confrontadas com outras fontes primárias, e com a recente literatura especializada no assunto.

No quarto capítulo apresentamos a trajetória da epidemia em Salvador, analisando as condições que favoreceram a sua erupção e propagação. Dessa maneira, destacamos os indivíduos ou grupos sociais atingidos pela doença, inserindo-os nos espaços sociais e geoeconômicos da cidade. Interessou-nos, também, discutir o modo pelo qual a doença se infiltrou nas vidas das pessoas, e sua repercussão no cotidiano da cidade. Nesse sentido, buscamos analisar as atitudes dos habitantes de Salvador em face da invasão da doença e da ameaça da morte, bem como a sua reação diante das medidas sanitárias adotadas.

Nesse capítulo, utilizamos como fontes os jornais diários, que durante a epidemia apresentaram ao seu público leitor um arsenal de informações sobre a gripe que assolava Salvador. Tais periódicos abordaram as condições sanitárias da capital do estado; o número de pessoas infectadas e/ou vítimas da influenza; as impressões e sentimentos suscitados pela disseminação da doença, etc. Além dessas, outras fontes nos forneceram os subsídios necessários para compor a cena da cidade tomada pela gripe – as mensagens do governador, os relatórios dos médicos, do diretor da saúde pública e do Secretário do Interior e da Justiça e Instrução Pública, bem como a historiografia sobre a Bahia, sobre a gripe e sobre mentalidades.

No quinto capítulo partimos do princípio de que as epidemias, por seu caráter de espetáculo, demandam maior visibilidade e eclétismo



das ações defensivas – as respostas à crise desencadeada pela doença epidêmica abrangem desde rituais religiosos até medidas políticas e sanitárias. Nesta perspectiva, discutimos as medidas profiláticas e terapêuticas adotadas pela Diretoria Geral da Saúde Pública da Bahia (DGSPB), assim como os recursos utilizados pelas pessoas comuns para enfrentar a crise. Assim, ao tempo em que refletimos sobre as medidas profiláticas e terapêuticas informadas pela medicina acadêmica e pela medicina doméstica, abordamos, também, as práticas de cura informadas pela religião.

No sexto capítulo, nos propomos a acompanhar a trajetória da “espanhola” pelo interior do estado, como contraponto à realidade apresentada nos grandes centros urbanos. No decorrer da nossa exposição, pretendemos destacar as múltiplas faces da Bahia, evidenciadas sob o impacto dos surtos epidêmicos ao longo das rotas de comércio e de trânsito de passageiros que cortavam o estado. Interessou-nos abordar nesse capítulo algumas questões reveladas pela epidemia – as condições materiais de vida; os problemas sanitários; os estratagemas utilizados pelos sertanejos para garantir a própria sobrevivência ante as adversidades e a omissão dos poderes públicos; a malha política e a rede de relações sociais, cujos elos se fortaleciam em momentos de crise; e as medidas tomadas pelas autoridades locais e pela população em geral para conter a epidemia.

Os anuários estatísticos da Bahia (ANNUARIO..., 1924; 1926) nos “guiaram” nessa trajetória, fornecendo informações sobre a população desses municípios (censo de 1920), sobre os meios de transporte e vias de comunicação disponíveis e sua distância em relação à capital. Contamos também com dissertações de mestrado, artigos e livros publicados sobre a Bahia, os quais nos forneceram os subsídios necessários à compreensão desse universo.

O *Guia dos arquivos das Santas Casas de Misericórdia do Brasil* nos forneceu informações sobre as instituições voltadas para a assistência à saúde nos municípios abordados. Também os jornais em circulação na capital e no interior do estado, bem como as *Cartas e Relatórios* enviados à Diretoria Geral da Saúde Pública da Bahia sobre a epidemia de gripe e outros assuntos, serviram para nos expor a extensão da epidemia no interior, e para demonstrar a mobilização da população e das autoridades médicas e sanitárias em presença da gripe espanhola.

Durante a nossa narrativa, ressaltamos o caráter multidimensional e diverso dessa sociedade, evidenciado sob o impacto da epidemia. De outro lado, pretendemos também mostrar que o povo baiano não se dei-

xou abater pelo sofrimento advindo da fragilidade física conseqüente à doença, nem pela intensificação das experiências de morte – mesmo em condições adversas, usou todos os meios de que dispunha para vencer a "espanhola".

## Notas

---

<sup>1</sup> Em 1980, o importante êxito alcançado com a erradicação da varíola fez com que a comunidade científica internacional acreditasse na possibilidade de eliminação das mais terríveis doenças que têm assolado a humanidade por séculos. Entretanto, o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), nas últimas décadas do século XX, provocou impacto social e psicológico numa sociedade fascinada pelo progresso tecno-científico alcançado no período. Em paralelo a esse fato, doenças transmissíveis tidas como erradicadas voltaram a assombrar o planeta. Surtos de cólera, malária, peste bubônica, tuberculose, febre amarela, gripe e difteria têm irrompido com força surpreendente em países africanos, sul-americanos e do sudeste asiático, afetando negativamente o panorama sanitário mundial. Nos últimos tempos, a ameaça de uma pandemia nos moldes da ocorrida em 1918-1919 voltou a assombrar o planeta desde 1997, quando o vírus influenza aviário – FLU A/H5N1 – infectou 18 pessoas em Hong Kong, vitimando 6 (BRASIL, 2004, p. 8). Nesse período, descobriu-se que o vírus, cuja circulação se dava apenas entre humanos e suínos, passou a ser transmitido diretamente da ave para o homem, sem passar pelo suíno, como até então havia acontecido (BRASIL, 2004). O fato se repetiu em 2003, quando se iniciou a mais recente epidemia de influenza aviária na Ásia. Desde então, explosões de surtos de gripe em aves domésticas, causadores de grande letalidade entre humanos, têm sido observadas em vários países dos continentes asiático, africano e europeu, o que acentua a probabilidade de transmissão inter-humana, tal como ocorreu durante a pandemia de gripe espanhola, em 1918-1919 (BRASIL, 2004). Tal possibilidade assusta o mundo e tem mantido em estado de alerta a Organização Mundial da Saúde.

<sup>2</sup> Cf. Mattoso; Athayde (1973, p. 183-202); Nascimento (1981, p. 263-289); Athayde (1985); Nascimento (1986); Teixeira (1999/2000, p.13-22); Chaves (2003).

<sup>3</sup> Os títulos foram compilados por Jürgen Müller. Todavia, os autores advertem que existem duas bibliografias anteriores à que apresentam: *Influenza bibliography* de D. e T. Thomson (Baltimore, 2 volumes, 1933-1934), com 4 500 referências sobre a gripe espanhola; e *International bibliography of influenza 1930-1959*, de C. G. Loosly, Bernard Portnoy e Edna Myers (Los Angeles, 1978), que somou por volta de 8 000 títulos à anterior. Sucessivas bibliografias nacionais, livros e artigos também proferiram referências adicionais. Como resultado da conferência em Cape Town, foram acrescentados outros títulos, aumentando a cota de documentos, diários médicos, obras historiográficas e artigos recentemente publicados, além de teses inéditas sobre o assunto.

<sup>4</sup> De acordo com Phillips e Killingray (2003, p.315-316), há muito poucos estudos sobre o tema na Europa oriental, na maioria dos países da Ásia, e em vários países latino-americanos. No que se refere ao Brasil, a bibliografia cita os trabalhos de

Campos (1919), Pinto (1919), Meyer (1920), Bertolli Filho (1986, 1989), Adamo (1992), Olinto (1993), Brito (1997) e Abrão (1998).

- <sup>5</sup> *A virologist's perspective on the 1918-19 pandemic*, de Edwin D. Kilbourne; *Genetic characterisation of the 1918 'Spanish' influenza virus*, de Jeffrey K. Taubenberger.
- <sup>6</sup> *The plague that was not allowed to happen: German medicine and the influenza epidemic of 1918-19 in Baden*, de Wilfried Witte; *'You can't do anything for influenza': doctors, nurses and the power of gender during the influenza pandemic in the United States*, de Nancy K. Bristow.
- <sup>7</sup> *Japan and New Zealand in the 1918 influenza pandemic: comparative perspectives on official responses and crisis management*, de Geoffrey W. Rice; *Coping with the influenza pandemic: the Bombay experience*, Mridula Ramana.
- <sup>8</sup> *Spanish influenza in China, 1918-20: a preliminary probe*, de Wataru Iijima; *Flu downunder: a demographic analysis of the 1919 epidemic in Sydney, Australia*, de Kevin McCracken e Peter Curson; *The overshadowed killer: influenza in Britain in 1918-19*, de N. P. A. S. Johnson; *Death in winter: Spanish flu in the Canadian subarctic*, de D. Ann Herring e Lisa Sattenspiel; *Spanish influenza seen from Spain*, de Beatriz Echeverri; *A holocaust in a holocaust: the Great War and the 1918; 'Spanish' influenza epidemic in France*, de Patrick Zylberman; *Long-term effects of the 1918 'Spanish' influenza epidemic on Sex differentials of mortality in the USA: exploratory findings from historical data*, de Andrew Noymer e Michel Garenne.
- <sup>9</sup> *'A fierce hunger': tracing impacts of the 1918-19 influenza epidemic in southwest Tanzania*, de James G. Ellison; *'The dog that did not bark': memory and the 1918 influenza epidemic in Senegal*, de Myron Echenberg.
- <sup>10</sup> *Transmission of, and protection against, influenza: epidemiologic observations beginning with the 1918 pandemic and their implicatons*, Stephen C. Schoenbaum.
- <sup>11</sup> Assim, temos na primeira parte: Frankfurt, de Stephan G. Fritz (capítulo 2); Lyon e Marseille, de Martha L. Hildreth (capítulo 3); Paris, de Diane A. Puklin (capítulo 4); Manchester, de Fred R. Van Hartesveldt (capítulo 5). A segunda parte traz: Atlanta, de Francine King (capítulo 6); Chicago, de Paul Buelow (capítulo 7); San Diego, de Richard Peterson (capítulo 8). A terceira parte tem apenas dois capítulos: *Guatemala city*, escrito por David McCrery (capítulo 9); e Rio de Janeiro, de autoria do brasileiro Sam Adamo (capítulo 10). Os autores deveriam situar a catástrofe no contexto socioeconômico local.
- <sup>12</sup> De acordo com Van Hartesveldt (1993, p.9) cidades como Londres, por exemplo, foram excluídas porque sua área metropolitana se dividia em vários distritos pequenos, que operavam de forma quase independente em assuntos de saúde. Os espaços disponíveis eram muito pequenos para se lidar adequadamente com todas as variações. No que se refere aos Estados Unidos, foram escolhidas cidades onde não haviam sido feitos estudos anteriores sobre o tema.
- <sup>13</sup> Cf. Bertolli Filho (1986); Abrão (1995); Olinto (1996); Ferreira (2001); Bertucci (2002); Goulart (2003); Silveira (2004)
- <sup>14</sup> Dentre os artigos publicados, podemos citar os de Luiz Antônio Teixeira (1993), Nara Azevedo de Brito (1997), Anny Jackeline Torres Silveira (2005), Liane Maria Bertucci (2005), Christiane Maria Cruz de Souza (2005), Adriana da Costa Goulart

(2005) e Ricardo Augusto dos Santos (2006). Os livros que tratam especificamente do assunto são os de Janete Silveira Abrão (1998), Renata Brauner Ferreira (2001), Cláudio Bertolli Filho (2003), Liane Maria Bertucci (2004). Há também a participação desses autores, em forma de capítulos escritos em livros. Cf. Silveira (2004) e Bertucci (2003).

<sup>15</sup> A exceção do nosso artigo publicado na revista *História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 71-99, jan.- abr., em 2005, citado no corpo deste texto.

<sup>16</sup> Cf. Souza (2007) e Farias (2008).

<sup>17</sup> No Brasil, Cláudio Bertolli Filho foi o primeiro a eleger essa temática como objeto de investigação, ao escrever a dissertação intitulada *Epidemia e sociedade: a gripe espanhola no município de São Paulo*, em 1986. Com esse texto o autor colocou em evidência um assunto ainda pouco estudado no Brasil e no mundo, apesar de se tratar da catástrofe demográfica mais importante do século XX. Os estudiosos do assunto estimam que mais de 30 milhões de pessoas em todo o mundo foram vitimadas pela gripe (PHILLIPS; KILLINGRAY, 2003).

<sup>18</sup> Em 2008, Anny Jackeline Torres Silveira publicou a pesquisa desenvolvida no doutorado sob a forma de livro, optando, nessa ocasião, por manter-se fiel ao texto da tese.

<sup>19</sup> O livro foi publicado originalmente, em 1999, com o título de *Flu: the history of the great influenza pandemic of 1918 and the search for the virus that caused it*.

<sup>20</sup> Veja também os seguintes trabalhos sobre o assunto: Galishoff (1969), Nicholson; Webster (Ed.) (1998), Ayora-Talavera (1999), Martínez Pons (1999); Potter (2001), Afkhami (2003), Laval R. (2003), Mamelund (2003) e Loeb (2005).

<sup>21</sup> Inspirando-se em tal obra, Rosenberg (1992) cria um modelo interpretativo para as epidemias, baseado em padrões repetitivos passados, ou seja, apresentando a estrutura narrativa de uma epidemia como algo historicamente experimentado. De acordo com tal modelo explicativo, os eventos de uma epidemia clássica, à semelhança dos atos de uma peça, ocorrem como numa seqüência narrativa, que se desenrola em quatro atos – no primeiro ato, a admissão da existência de uma epidemia só sucede quando se torna inevitável, ou seja, após inexorável acúmulo de mortos e doentes. No segundo ato, inicia-se o processo de aceitação da existência de uma epidemia, e se constrói uma base explicativa para lidar com a sua arbitrariedade. No terceiro ato, há a adoção e administração de medidas de saúde pública: isolamento; quarentena; desinfecções; interrupção do comércio e das comunicações. O quarto ato caracteriza-se pelo abrandamento paulatino do surto e posterior retrospectão. Cf. Rosenberg (1992) no capítulo XIII, intitulado *What is in epidemic?*<sup>2</sup> AIDS in historical perspective.